

Anita Loureiro de Oliveira

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Laboratório da Conjuntura Social: Tecnologia e Território - LASTRO
Rio de Janeiro

Tipo de proposta: Comunicação Oral

Sessão Temática 1 - ST1 - Cidade Imaterial

Música e vida urbana: encontros e confrontos na cidade do Rio de Janeiro (1990-2008)

Resumo:

As músicas reunidas neste trabalho revelam uma insatisfação frente à ordem dominante e uma luta simbólica pelo direito à vida urbana renovada e transformada. Esta luta está na propagação de uma *outra fala* sobre a cidade, que revela a visão do homem comum, não especialista, não acadêmico. A música – enquanto recurso operacional de uma apreensão da vida urbana - revela encontros e confrontos de diferentes modos de pensar e agir, além de contradições e hibridismos próprios da cidade. O processo subjetivo de apropriação da cidade evidencia-se na sua representação simbólica, em letras e sonoridades e, também, nos encontros festivos promovidos pela música. As letras permitem pensar a cidade como construção subjetiva e plural, mas o sujeito destas construções identifica-se com a crítica à racionalidade dominante e ao modo de vida centrado no consumo, no individualismo e na competição. Isto não significa negar as articulações existentes entre a racionalidade dominante e as racionalidades alternativas. A proposta desta reflexão sobre a vida urbana é articular a técnica do conhecimento científico à sensibilidade da arte para pensar a cidade de forma horizontal e coletiva.

Música e vida urbana: encontros e confrontos na cidade do Rio de Janeiro (1990-2008)

Apreender a densidade da vida urbana através da música é o objetivo mais geral desta reflexão. Trata-se de aproximar a produção teórica sobre o *urbano* da experiência da vida cotidiana, buscando provocar um diálogo entre teoria e prática. Através do reconhecimento das apropriações e representações simbólicas do espaço, a música revela a existência de racionalidades alternativas que contribuem para a reflexão sobre a vida urbana.

Se a abordagem da cidade a partir de sua materialidade é limitada, a aposta na experiência musical de indivíduos e grupos revela que a música é um importante meio de propagação de outras visões sobre a cidade. Através da diversidade de suas histórias, percepções, encontros e confrontos, os sujeitos elaboram letras e representações da realidade que estimulam novas abordagens científicas.

Busca-se consolidar uma outra forma de *fazer ciência*, capaz de considerar a emoção das falas cotidianas e a sensibilidade do artista na apreensão dos sentidos que orientam a ação do homem comum que vive nesta *cidade de cidades misturadas*. Partimos do pressuposto de que a música propaga as vozes dos não-especialistas, pessoas que vivem na cidade, que têm muitas idéias sobre a vida urbana transformadas em músicas e ações criativas.

O recorte espaço-temporal da análise é a cidade do Rio de Janeiro do início da década de 1990 aos dias atuais. O Rio apresenta elevada densidade simbólica, amplificada pelo abrigo de funções culturais relevantes e pela difusão de imagens-sínteses, como Rio – capital cultural, cidade aberta, cosmopolita, cidade-cenário (RIBEIRO, 1991; 1995; 2006). O acelerado avanço tecnológico e as transformações culturais decorrentes da comunicação global e instantânea, baseada na combinação entre novas tecnologias, no amplo poder de comunicação da Internet, na unificação dos processos produtivos, na política neoliberal e em mercados globais, justificam o recorte temporal adotado.

A música é o recurso metodológico que contribui para um recorte da realidade em movimento e que o pensamento, também em movimento, busca acompanhar. A proposta ressalta a co-presença e a disputa de projetos que evidenciam o encontro e o confronto dos diferentes modos de (vi)ver a cidade. Enquanto meio de apreensão da rica experiência do homem comum na cidade, a criação musical torna a análise sensível às circunstâncias do *Outro*, permitindo o reconhecimento da simultaneidade, do encontro e da possibilidade de legitimação das diferenças.

A presente proposta envolve a leitura da dialética entre objetividade e subjetividade, buscando alcançar a “polifonia urbana”, isto é, a ação insurgente cujo sentido político está na propagação de uma *outra fala* sobre o urbano, através de músicas que evidenciam insatisfação frente a uma ordem

específica. As vozes insurgentes podem vir de áreas estigmatizadas da cidade, como favelas, subúrbios ou periferias, mas também podem ser vozes das camadas médias intelectualizadas, que fazem uma mediação importante entre diferentes grupos sociais, no sentido da aproximação e do diálogo, fundamentais para que a vida numa cidade, como o Rio de Janeiro, possa ter algum sentido.

Algumas músicas buscam dar visibilidade a uma existência negligenciada e fazer poesia a partir de conflitos experimentados no urbano. Em comum, estas músicas têm a capacidade de criar outros imaginários urbanos que revelam múltiplas territorialidades, identidades insurgentes e lugares escondidos. As territorialidades expressas nas ações musicais interessaram particularmente à análise porque revelam o sentido simbólico do poder e, ao serem incorporadas à análise, permitem apreender a luta pelo *direito à cidade*, que se daria a partir da possibilidade da afirmação do *direito à apropriação* e à *obra*, tal como Lefebvre (2001a) orienta.

No entanto, por tratar-se de uma temática tão subjetiva, era preciso partir de um método capaz de reconstruir o sentido da ação, a partir das motivações originais e dos valores que a orientam, considerando que a ação pode ser objetiva, quanto ao seu desenrolar e efeitos, mas é subjetiva quanto às motivações. Com base na leitura de Sartre (1967) que propõe que o princípio do conhecimento do mundo não é puramente objetivo, procuramos abordar a questão a partir da *subjetividade*, que representa um momento do processo objetivo – o de interiorização da exterioridade – sem deixar de considerar, também, o processo de exteriorização da interioridade, através das falas e ações do sujeito. A opção por um método capaz de apreender subjetividade e objetividade relaciona-se à necessidade de uma abordagem dialógica que pudesse dar conta dos processos que interferem na forma como o sujeito vive os determinantes objetivos da realidade, sem esquecer que cada sujeito, através de sua ação, expressa valores que constituem sua própria existência e que revelam as condições subjetivas da sua experiência social concreta. Para Sartre, há um nível da existência humana que só pode ser compreendido pelo pensamento crítico, através do princípio da liberdade. Acreditamos que este princípio emerge nas letras de música sobre as quais nos debruçamos nesta reflexão.

Tentar descrever e interpretar a atualidade e, por meio da música, reconhecer as diferentes racionalidades que constituem o urbano não é tarefa fácil, apesar de ser extremamente desafiadora e estimulante. Para Santos (1997, p. 17), “o desafio está em separar da realidade total um campo particular, susceptível de mostrar-se autônomo e que, ao mesmo tempo, permaneça integrado nessa realidade total”. Estamos partindo da música para refletir sobre a cidade. Para Lefebvre (1987), o analista separa do imenso devir do mundo, da totalidade do devir, certos fragmentos, certos ‘objetos’ e, ainda que esta demarcação ocorra no plano teórico, o conhecimento inicia-se no vivido. A reflexão de método feita por Lefebvre ajuda a afirmar que sujeito e objeto estão em perpétua *interação* e que o conhecimento é *prático*. O uso da música reforça esta interação da ciência com a arte e a orientação

do autor, de que antes de elevar-se ao nível teórico, todo conhecimento começa pela experiência, pela prática.

A cidade apropriada: criação musical e representação simbólica da vida urbana

A escolha da *cidade subjetiva* (GUATTARI, 1991) como escala de observação permite reconhecer apropriações subjetivas dos lugares e, ainda, uma articulação dos níveis mais singulares da pessoa aos mais coletivos. Esta articulação é dirigida por valores que questionam a cultura dominante, o que indica o caráter crítico da ação musical. A proposta de ler/ouvir a cidade através da fala do sujeito corresponde a uma opção pela subjetividade na reflexão da vida urbana, principalmente porque os sujeitos que reunimos neste artigo possuem uma visão crítica e contundente da cidade.

As músicas falam de uma cidade que precisa ser - e está sendo - (re)pensada e (re)apropriada. “Rio 40 graus” (1992) de Fernanda Abreu, Fausto Fawcett e Laufer é uma música que sintetiza a forma ampla de ver a cidade e parte de idéias cristalizadas no imaginário social, como *cidade maravilhosa* ou *cidade partida* para fazer sua crítica. O Rio de Janeiro descrito como uma “cidade de cidades misturadas, camufladas, com governos misturados, paralelos, sorrateiros ocultando comandos” apresenta-se como campo de forças, como território em redefinição. A cidade maravilha-mutante se faz e refaz por meio de novas experiências musicais e “a novidade cultural da garotada favelada, suburbana, classe média marginal” é a informática que faz com que a batucada agora possa ser também digital.

Rio 40 graus
Cidade-maravilha, purgatório da beleza e do caos

Capital do sangue quente do Brasil
Capital do sangue quente, do melhor e do pior do Brasil
Cidade sangue quente, maravilha mutante
O Rio é uma cidade de cidades misturadas
O Rio é uma cidade de cidades camufladas
Com governos misturados, camuflados, paralelos, sorrateiros ocultando comandos

Comando de comando submundo oficial
Comando de comando submundo bandidaço
Comando de comando submundo classe média
Comando de comando submundo camelô
Comando de comando submáfia manicure
Comando de comando submáfia de boate
Comando de comando submundo de madame
Comando de comando submundo da TV
Submundo deputado - submáfia aposentado
Submundo de papai - submáfia da mamãe

Submundo da vovó - submáfia criancinha
Submundo dos filhinhos

Na cidade sangue quente
Na cidade maravilha mutante¹

Quem é dono desse beco?
Quem é dono dessa rua?
De quem é esse edifício?
De quem é esse lugar?

É meu esse lugar
Sou carioca, pô!
Eu quero meu crachá!
Sou carioca.

A novidade cultural da garotada favelada, suburbana, classe média marginal é informática metralha sub-azul equipadinha com cartucho musical de batucada digital [...] meio batuque inovação de marcação pra pagodeira curtição de falação de batucada com cartucho sub-uzi de batuque digital, metralhadora musical [...] Rio 40 graus Cidade-maravilha, purgatório da beleza e do caos

Outras composições de Fernanda Abreu têm a cidade como temática central. O CD *Entidade Urbana* (2000) é inspirador para a análise, pois além das letras das músicas possibilitarem uma leitura singular do Rio de Janeiro, seu lançamento foi acompanhado de textos (*release*) que ajudam a apreender a reflexão da compositora sobre a vida urbana em seu processo de criação musical. No *release* escrito em versos pela própria cantora, a intenção de fazer música inspirando-se na vida urbana é evidente.

"Viver nas cidades. Falar de viver nas cidades". [...] "Viver de falar das cidades. São a fonte, a ponte, o mote, a inspiração". Nos versos, as cidades estão em constante movimento: "Nascem planejadas. Brotam espontâneas. Crescem desenfreadas. desorientadas. Desobedientes. Crescem e crescem. Nunca param. De crescer. Cidades. Nunca morrem. São mutantes". A cidade é vista como "um corpo urbano. Vivo. Um corpo cidade. Dissecado. Retalhado". Um corpo com "suas vias, seus canais, seus órgãos vitais" que reúne e movimenta a vida neste "sistema circulatório", com "sangue coagulado", de "trânsito engarrafado". Uma cidade-excesso, "caótica", "de hiperinflação humana, de acúmulo humano, de excesso urbano". Um "tecido urbano" materializado em "sua pele de concreto armado", um "corpo urbano, tatuado, planejado, monitorado, viciado, aerofotogrametrado, radiografado, encurralado. Bio-degradável. Bio-degradante". Assim, misturando os versos das músicas que compõem o CD, a compositora passeia por lugares da cidade e desvenda a "natureza

¹ Fernanda Abreu. "Rio 40 graus". Fernanda Abreu, Fausto Fawcett e Laufer [Compositores]. In: - *SLA2 be sample*. Rio de Janeiro: EMI, p1992. 1 CD. Faixa 5

urbana-humana” e, também, “a natureza humana-urbana”. A música pretende reconhecer “as tribos, as gírias” e este “ser urbano, filho de pai, de mãe e de cidade”².

O antropólogo Hermano Vianna, que escreveu noutro *release* do CD *Entidade Urbana* que “Rio 40º” é o hino de uma urbanidade mutante, pós-partida e pós-maravilha, afirma que o CD *Entidade urbana* é uma seqüência lógica do combate “carioca”, que nos ajuda a ver que a condição partida ou maravilhosa do Rio não é única ou absolutamente original; mas, sim, a situação-limite de uma condição social que se tornou planetária³. Para Vianna, esse CD é a celebração da dança à beira do abismo, de um desastre urbano sempre anunciado e, alegremente, adiado. Se entendermos que o desastre pode ser evitado com o *diálogo*, com a diminuição dos preconceitos, distancias sociais, formas de indiferença e evitamento social, então a música torna-se um canal importante para a aproximação dos diferentes modos de viver a cidade, como nos inspira Lefebvre (2001a).

A experiência criativa da música revela um *novo fazer político*, baseado numa atitude que afirma os *atos de fala* como a principal ferramenta para fortalecer o movimento que Nun (1989) denominou de “a rebelião do coro”. Essa rebelião rompe o silêncio, aqui e agora, sem esperar uma grande transformação social. Iniciada e inspirada no cotidiano, a ação insurgente inscreve-se no âmbito do mercado e do espetáculo midiático, revelando a potência do gesto do artista, que trata de temas sérios, com os códigos, a liberdade e a emoção que alimentam a arte.

Para além do produto material e comercializável, existe uma música – muitas vezes inclassificável quanto ao gênero – que utiliza propositalmente referências rítmicas variadas, para provocar reações que estimulam a reflexão de temáticas difíceis, freqüentemente evitadas. Esse é o caso de “*Chuva de bala*”, de Pedro Luís, música cuja sonoridade plural tem como referência uma ‘trilha sonora’ cada vez mais presente no dia-a-dia: as rajadas de balas⁴. A sonoridade quase caótica de “*Chuva de bala*” serve como base melódica para um texto, a ‘letra’, que fala de uma condição de vida (ou morte) que já não pode ser camuflada. Assim, o compositor faz um *manifesto musical* que denuncia a violência urbana e, apoiado na ironia, transforma o horror cotidiano em criação musical.

Amor, 'tá chovendo bala
Abre a janela pra não quebrar (as vidraças)
Recolhe as coisas da sala
Maloca as crianças por trás do sofá (e passa a usar)
Guarda-chuvas de aço
E o peito blindado pro coração não sangrar
Tatuagens no braço

² ABREU, 2000. Ver texto completo em <http://www2.uol.com.br/fernandaabreu/entidade.htm>

³ VIANNA, 2000. Ver texto completo em <http://overmundo.com.br/banco/release-para-o-disco-entidade-urbana-de-fernanda-abreu>

⁴ A *Pesquisa Domiciliar de vitimização na cidade do Rio de Janeiro 2005-2006* indicou a *freqüência com que a população ouve o barulho dos tiros*, e a violência simbólica que já começa a ser mensurada pela pesquisa científica sobre violência urbana. Alba Zaluar apresentou dados da pesquisa durante o Seminário “Zonas urbanas desfavorecidas: olhar cruzado Brasil-França” (2006), promovido pela Embaixada da França no Brasil, na Casa de Rui Barbosa.

De balas passando rentes qual facas no ar
Há nuvens tão carregadas
Rajadas são trilha sonora do *day by day*
Chove, chove, chove, chove, chove
Chove bala
Chove, chove, chove
Chove sem parar!⁵

Já na música “Seres Tupy”, Pedro Luís fala de áreas urbanas que surgem alheias aos saberes técnicos e acadêmicos e compara diferentes cidades ressaltando as habitações precárias, feitas por homens comuns, sem o saber técnico dos arquitetos, mas que servem de moradia para quem faz sua própria casa na rua ou em qualquer outro local desprezado - beira de mangue, alto de morro, marquises, debaixo do viaduto. A letra trata desta condição indesejável que está em toda a parte e faz rima com dialetos, acentos, palavras rasgadas, *raps* e outros movimentos da sociedade.

Seres ou não seres
Eis a questão
Raça mutante por degradação
Seu dialeto sugere um som
São movimentos de uma nação
Raps e Hippies
E roupas rasgadas
Ouço acentos
Palavras largadas
Pelas calçadas
Sem arquiteto
Casas montadas, estranho projeto
Beira de mangue, alto de morro
Pelas marquises, debaixo do esporro
Do viaduto, seguem viagem
Sem salvo conduto é cara a passagem
Por essa vida que disparte
Vida de cão, refrão que me bate

De Porto Alegre ao Acre
A pobreza só muda o sotaque⁶

As apropriações e representações subjetivas da cidade ajudam a apreender as formas pelas quais a música permite o reconhecimento das diferentes racionalidades constitutivas da vida urbana. As músicas citadas evidenciam a existência de vozes dissonantes em relação às que visam a construção de uma cidade-mercadoria. Estas vozes revelam a insatisfação popular com relação a determinados imaginários de cidade difundidos para atender a interesses privados.

O confronto ideológico entre os diferentes modos de viver é ainda mais evidente nas músicas em que a cidade é temática central, como “Ego City”, da Frente Urbana de Trabalhos Organizados,

⁵ Pedro Luís e a Parede. “Chuva de Bala”. Pedro Luís [Compositor]. In: - *Astronauta Tupy*. Dubas Música/ Universal Music. p1997. 1CD. Faixa 10.

⁶ Seres Tupy. Pedro Luís [Compositor]. In. Vagabundo Ney Mato Grosso, Pedro Luís e A Parede. Rio de Janeiro, Globo Universal, p2004, 1CD Faixa 2.

banda carioca conhecida pela sigla O F.U.R.T.O.⁷. Ao tratar das distâncias e violências simbólicas entre os grupos sociais que coexistem na cidade, o compositor Marcelo Yuka critica a experiência urbana marcadamente individualista, preconceituosa e consumista.

Carros à prova de bala, com vidros à prova de gente, cor fumê da indiferença
E vão lambendo os cartões de crédito
Comprando de quase tudo; do orgulho à cocaína; de dólares a meninas
Passando em frente à réplica da Estátua da Liberdade
que nos prende ao consumo siliconizado e farpado urgente
que diz: Bem-vindo a *Ego City*

Lutadores sem filosofia, crianças sem esquinas
Realidade da portaria, mas só se for pela porta dos fundos
De frente pro mar, de costas pro mundo

(...) Bem-vindo a *Ego City*⁸

A referência à “réplica da estátua da liberdade que nos prende ao consumo” questiona a lógica do consumo alienante e localiza a narrativa no bairro da Barra da Tijuca, cenário bastante adequado para a observação da espetacularização seletiva de áreas urbanas e a consolidação de imagens e símbolos dessa “cultura global” - Avenida das Américas repleta de condomínios, *shoppings* e outros ícones do capitalismo avançado. Conforme Ribeiro (2006) destaca, a nova posição ocupada pelo consumo ampliou a intervenção privada na cidade, interferindo na psicofera dos lugares (SANTOS, 1997). Já o verso que fala do vidro cor fumê da indiferença que separa proprietários de carros blindados dos “perigos” das ruas, indicam como as distancias sociais se reproduzem no cotidiano.

As letras de música indicam que pensar a cidade significa pensar as desigualdades e as violências simbólicas do cotidiano. A crítica ao modo de vida centrado no consumo está implícita na luta simbólica pelo direito à cidade, que, para Lefebvre (2001a) se manifesta como forma superior de vários outros direitos: direito à liberdade, à individuação na socialização, à obra (à atividade criativa) e à apropriação, bem diferente do direito à propriedade. Além disso, como Lefebvre (2001b) a música indica a possibilidade de pensarmos uma outra cidade, cujos planos, projetos e ações possam ter outras finalidades e outras intencionalidades distanciadas da acumulação capitalista.

⁷ Marcelo Yuka, ex-baterista e principal compositor dos primeiros CDs da banda *O Rappa*, trata de maneira crítica e contundente a experiência urbana atual. Yuka ficou paraplégico após ter sido baleado durante uma tentativa de assalto no Rio de Janeiro. Trocou a bateria pelos efeitos sonoros eletrônicos e elevou o tom da indignação contra as perversidades da desigualdade social, ao sair da banda *O Rappa* e fundar O F.U.R.T.O.

⁸ O F.U.R.T.O “Egocity”. Marcelo Yuka [Compositor] In - *Sangue Audiência*. Rio de Janeiro. Sony-BMG. p2005. 1 CD Faixa 2.

Considerações finais

A escolha da música como recurso metodológico da reflexão teve Lefebvre como inspiração; pois, para o autor, a arte cria momentos de negação que apontam para transformações em curso e, assim, obras de “desconstrução construtiva” que manifestam o devir do mundo em movimento (LEFEBVRE, 1978, apud BARBOSA, 2000, p. 69). Pensar a cidade não pode ser uma atribuição apenas dos profissionais especialistas do planejamento urbano. O sujeito, não-especialista, que vive a cidade de forma coletiva, solidária pode contribuir para que a vida na cidade possa melhorar.

Se “as cidades, no contexto de um mercado globalizado, assim transformadas, sobretudo devido ao turismo, tornam-se imagens espetaculares, *outdoors*, imagens sem corpos, espaços desencarnados, simples cenários” (JACQUES, 2006), a existência de representações musicais contrárias à espetacularização da cidade evidencia a complexidade da espacialidade capitalista. A idéia deste trabalho foi mostrar sujeitos que não se conformam com a limitada função de espectador das ações alheias, tornando visível sua forma de (vi)ver a cidade.

Através da música destacamos exemplos de que a cidade é um viver plural e, tal como Mello (1991) destaca, as palavras e os versos permitem múltiplas interpretações do real; pois, a linguagem poética é entrecortada por símbolos e devaneios que constituem uma maneira de propagar outras visões de mundo. Um complexo e heterogêneo mosaico, construído por subjetivações e envoltimentos afetivos dos compositores, em suas experiências vividas e apreendidas no espaço urbano carioca, pode ser desvelado a partir da música produzida na cidade e sua articulação com teorias e conceitos (MELLO, 1991, p. 61).

Por fim, destacamos a letra de Tudo Vale a Pena, parceria de Fernanda Abreu e Pedro Luís, onde o Rio de Janeiro é retratado de uma maneira mais poética. Esta ‘visão praiana’ mostra o povo bamba, carregado de calor e de luta, que, ao mesmo tempo, tem a leveza de cair no samba, dançar *funk*, ter “suingue até no jeito de olhar, ter balanço no trejeito, no andar”. A beleza natural da cidade também é ressaltada, fazendo da pobreza quase um mito, quando a cidade é vista do alto de seus tantos mirantes.

Crianças nas praças
Praças no morro
Morro de amores, Rio
Rio da leveza desse povo
Carregado de calor e de luta
Povo bamba
Cai no samba, dança o *funk*
Tem suingue até no jeito de olhar
Tem balanço no trejeito, no andar

Andar de cima tem uma musica tocando

Andar de trem tem gente em cima equilibrando
Andar no asfalto quentes carros vão passando
Andar de baixo tem uma moça no quintal cantarolando

Rio de baixadas com seus vales
Vale a pena
Sua pobreza é quase mito
Quando fito seus contornos
Lá do alto de algum de seus mirantes
Que são tantos

Então
Tudo vale a pena
Sua alma não é pequena

Seus santos são fortes
Adoro seu sorriso
Zona sul ou zona norte
Seu ritmo é preciso

A alma da cidade pode ser alcançada pela ciência se nos abirmos para a sensibilidade proposta pela arte. É necessário compreender o gesto individual, como uma composição musical, em suas circunstâncias e a potência do gesto é amplificada pela análise, quando o analista estabelece nexos entre ações e entre teoria e prática, de modo que redes de sentidos sejam estabelecidas, potencializando a configuração do sujeito coletivo. Um gesto simples articulado a outros fatos pode revelar que procedimentos individuais tecem uma rede social articulada em torno de um mesmo projeto: perceber sintomas da crise para conseguir enfrentá-la, de maneira leve e despreziosa, sem perder a potência e a capacidade crítica.

A música como expressão da fala dos não-especialistas na temática urbana evidencia a importância que deve ser atribuída às vozes que se insurgem nas ruas expressando insatisfação frente a uma ordem que consideram injusta. Tais vozes devem ser postas em diálogo com as teorias que ajudam a produzir conhecimento; pois, como afirma Morin (2002, p. 338), “a arte é indispensável para a descoberta científica, visto que o sujeito, suas qualidades e estratégias terão nela papel muito maior e muito mais reconhecido”.

Através da música, sujeitos falam da cidade real, estimulando a imaginação da cidade possível. Questionar os valores propagados pela racionalidade dominante é uma forma de contribuir para a conscientização de que a cidade pode ser pensada a partir de valores mais favoráveis à vida coletiva. A resistência às imposições da ordem global ocorre através do estabelecimento de uma *outra* ordem, fundada numa racionalidade paralela, alternativa (SANTOS, 1997), que procuramos demonstrar através de músicas que sinalizam a luta simbólica da arte por uma vida urbana transformada.

Bibliografia:

- BARBOSA, Jorge Luiz. A Arte De Representar como Reconhecimento do Mundo: O Espaço Geográfico, o Cinema e o Imaginário Social. Geographia, nº3, ano II, Niterói: UFF/EGG, 2000.
- GUATTARI, Félix. “Restauração da cidade subjetiva”. Jornal do Brasil, 29 jul. 1990. Caderno Idéias.
- JACQUES, Paola Berenstein e JEUDY, Henri Pierre (orgs). Corpos e Cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais. Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001a [1969]
- _____. A cidade do Capital. Rio de Janeiro. DP&A, 2001b, 2ª edição.
- _____. Lógica formal lógica dialética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira – 1928/1991 – uma introdução à geografia humanística. Dissertação (Mestrado em Geografia)-UFRJ: Rio de Janeiro, 1991.
- MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- NUN, José. La rebelión del coro: estudios sobre la irracionalidad política y el sentido común. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1989.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. A acumulação primitiva do capital simbólico. In: JEUDY, Henri Pierre; JACQUES, Paola Berenstein (Orgs.). Corpos e Cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais. Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, 2006. Parte I, cap. 3, p. 39-50.
- _____. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. In: Silva, Catia Antonia (et al.) Formas em crise: utopias necessárias. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2005a.
- _____. O espetáculo urbano no Rio de Janeiro: comunicação e promoção cultural in Cadernos do IPPUR/ UFRJ. Ano IX. Nº ¼, Jan/Dez, 1995.
- _____. Rio - Metrópole: A Produção Social da Imagem Urbana. (Tese) Doutorado em Sociologia - Faculdade de Filosofia e Letras / USP. São Paulo, 1991 (1988).
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- _____. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora Hucitec 1997 2ª edição.
- SARTRE, J. P. Questão de método. Tradução de Bento Prado Júnior. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.